

O presente como tutor do passado

» WILLIAM PENIDO VALE

Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), escritor e consultor de agências internacionais, foi presidente da Caesb-DF

Em algum lugar a ser desvendado e recriado, encontra-se o passado, matéria-prima para o escritor. O narrador pode ser tão relevante quanto os personagens da narrativa, ajudando a forjar o futuro. Alguns dos clássicos da literatura voltaram-se para a exaltação épica de entidades triunfantes. É o caso de Virgílio ou Camões, que conjuraram o carisma glorioso do passado de impérios em expansão. Em certas circunstâncias históricas, no entanto, o escritor confronta-se com a premência de expor um passado necessário à superação de dilemas e ameaças do presente e vai buscar elementos passados que permitem remodelar e recriar narrativas a fim de prevenir o caminhar de um povo em direção a um futuro desolador.

Essa busca passa pelo resgate de fatos, lendas e mitos, tijolos e argamassas de uma construção nacional. Reflexões sobre esse tema perpassam de Heródoto a W. Benjamin e H. Arendt, incluindo Platão e Aristóteles e a literatura patristica (S. Agostinho, S. Jerônimo). Uma dosagem inadequada pode levar a ufanismo irreal, a fobias de diferentes tipos, à intolerância ou, ainda, à baixa autoestima, ao complexo de vira-lata. É exatamente aqui que reside o grande mérito do livro de Silvestre Gorgulho, De casaca e chuteiras — A era dos grandes dribles na política, cultura e história, tributo a sua excelência jornalística e sensibilidade de escritor.

Silvestre Gorgulho recria o ideário de um sonho: “Não importam as dificuldades se há uma bela história para contar, seduzir e apropriar-se”. Assim ele faz, com maestria, ressuscitando vozes do passado, muitas das quais sob ameaça de memoricídio (doloso ou culposo), quase esquecidas no presente.

Fala de JK e Pelé, dois grandes brasileiros que, superando dificuldades iniciais — ambos nasceram fora da casa-grande — conseguiram, graças ao talento, obstinação e coragem, se impor de maneira notável ao ambiente, deixando marcas indelévels na memória nacional. São agentes inspiracionais, estimulando o orgulho de ser brasileiro.

O nacionalismo brasileiro é sobretudo territorial, carente de atributos de natureza inspiracional. Os anos JK constituíram o período mais fecundo da nossa história. Revivê-los, com a competência do autor,



é uma rica contribuição para a ampliação daquele capital inspiracional indispensável à formação de povos e nações. A partir da revolução de 1930, durante o meio século mais singular da história brasileira, do ponto de vista de progresso material, estratificação social e participação política, ampliaram-se as bases de uma civilização tropical nas artes, ciências, esportes e participação popular.

Pelé e JK ajudaram a construir a noção de um Brasil de esperança. Projetaram ao mundo a imagem de um país promissor, disposto a lutar para se impor no rol das grandes nações e a superar as muitas contradições, os desequilíbrios internos e as injustiças do passado. A cidade plantada por JK no coração do Planalto Central encarnava a esperança de um futuro melhor para todos. Pelé, com seu talento e genialidade, nos permitia compartilhar cada gol, suas vitórias nos campos da vida.

A obra de Silvestre Gorgulho, a começar pela capa elegante e contrafactual, provoca reflexões. Pelas cuidadas e criativas pegadas do escritor, revisitamos, país profundo adentro, a rota São Lourenço-Belo Horizonte-Brasília, povoada por familiares e amigos. Assistimos a uma incursão proustiana em um tempo e paisagens preciosos de sonhos, promessas e realizações. Não tivesse JK sido cassado em 1964 e pudesse ter concorrido e sido empossado em 1965, que

país ele teria nos legado?

— Teríamos antecipado a ocupação e o desenvolvimento do Cerrado, tão preconizados por ele?

Teríamos tido tempo e oportunidade para fixar, de maneira descentralizada e menos traumática, populações rurais, evitando tensões demográficas nas periferias metropolitanas? Teríamos atingido o patamar de renda per capita média que garantisse um desenvolvimento equilibrado e sustentável? Teríamos ampliado nossa jovem democracia de maneira a blindá-la de populistas predatórios? Teríamos hoje uma sociedade mais integrada e mais justa?

Silvestre mostra que nosso país já foi maior, mais promissor e mais ingênuo. Tal proposição é parte verdade, parte mito. O todo é essencial. Nonô e Dico, crianças e adultos, com suas emoções, virtudes e defeitos, pertencem ao espaço privado de familiares e amigos.

JK e Pelé se constituíram personalidades públicas icônicas, bem maiores do que o espaço que lhes vem sendo reservado no panteão atual. Pessoas assim não morrem, continuam a reger as batidas do coração de uma nação.

PS: Dia 22 de abril, sábado, às 11h, para comemorar os 63 anos de Brasília, Anna Christina Kubitschek Pereira, presidente do Memorial JK, lança o livro De casaca e chuteiras no Memorial JK.

Brasília, 63 anos. Festeje com moderação

» JOSÉ NATAL
Jornalista

O Bar Maracangalha ficava na Avenida Central da Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante. Lado direito de quem sobe a avenida rumo a Taguatinga. Servia cerveja em garrafa, quase sempre Antártica. Pastel de carne e de queijo, feijoada, coxinha, carne assada, era tudo de bom. Durante a semana recebia operários que trabalhavam na construção civil, servidores da Novacap e muitos americanos amarelados que, à época, paravam por aqui como integrantes de uma missão do governo, que eu nunca soube qual era. Mas era.

Música frenética na voz de cantores do Rio e São Paulo. Campões de disco de vinil. Menores de idade não entravam no bar. A não ser aos domingos, quando iam com os pais comer filé com fritas e beber guaraná Jesus. Um baita bar nos idos de 1958-60. Quando vejo filmes antigos, me lembro dele. Como era verde o meu vale, épico de John Ford, parece que foi rodado ali por perto.

Perto dali ficava o acampamento da Novacap, com barracas de lona e galpões de madeiras vindas do Paraná. Dentro trabalhavam engenheiros, arquitetos e técnicos de toda ordem. As paredes estampavam plantas, projetos e desenhos de Oscar Niemayer e Lucio Costa, pais biológicos da capital. Do lado de fora ficavam os caminhões caçambas, aguardando ordens dos mestres para abastecer alguma obra e algum lugar. Eram das marcas Ford, Chevrolet, FNM, Internacional, Reo e Studbaker e outras já falecidas. Os Jeeps e Rural Willys eram ocupados pelas chefias.

A Candangolândia abrigava as famílias que chegavam à cidade, contratadas pela empresa que construiu Brasília. Perto ficava o Grupo Escolar número 1, no Guarã. Recebia alunos em dois turnos, pioneiros. Uma das professoras era Dona Amabile. Carinhosa, competente e amiga dos alunos. Lanche robusto, pão com manteiga, chocolate quente, algum tipo de suco e um cheiro de família.

A vida seguia e, de todos os cantos do país, chegavam pessoas pra ajudar a construir a cidade. A Viação Aragarina, de Goiânia, tinha uma frota de ônibus Chevrolet e, durante a semana, pelo menos um deles chegava todos os dias à capital. Os mestres das obras de Niemayer e Lucio Costa foram os pioneiros Israel Pinheiro e Bernardo Sayão.

Incrível como parte da mídia e do mundo político insistem em homenagear pseudopioneiros que aqui chegaram com a cidade pronta. Pioneiros são aqueles que assistiram o desmatamento para criar o Lago Paranoá. São aqueles operários que vieram com as construtoras Rabelo, Coenge, Camargo Correa, Civilsan, Pederneiros e Planalto, e aqui ergueram prédios públicos. São aqueles que construíram as primeiras unidades da Fundação da Casa Popular e os prédios dos antigos IAPI, Ipase, Iapetecl, Banco do Brasil e outras entidades.

Desde a primeira missa na cidade, onde hoje está o Memorial JK, cada dia deve ser lembrado por aqueles que contribuíram para a consolidação desse projeto. A mudança da capital federal do Rio para Brasília ocorreu numa data também histórica para outros

povos. Em fevereiro de 1960, um protesto de entidades negras foi realizado nos Estados Unidos com repercussão internacional.

Ainda em 60, todas as representações norte-americanas sediadas em Cuba foram fechadas pelo presidente Fidel Castro e começa o embargo. Em dezembro, a FDA, Food and Drugs Administration aprova a fabricação da pílula anticoncepcional para as mulheres.

No campo das artes, o diretor italiano Federico Fellini lança o filme *La dolce vita* (*A doce vida*), estrelado por Anita Ekberg, Anouk Aime e Marcello Mastroianni. No mesmo ano, o filme de Bill Wilder, *O apartamento*, ganha o Oscar de melhor filme. Fatos que chamaram a atenção do mundo. E nesse rol de acontecimentos, Brasília também ganhou holofote global.

Saudosismo à parte, justas as homenagens. É fato que o organismo desta cidade de 63 anos carece de cuidados e atenção de seus dirigentes. Muitas artérias estão congestionadas, há um risco claro de colapso na saúde e educação, e o item segurança pública oscila negativamente.

Como esquecer o fatídico 8 de janeiro deste ano? Trágico. Nunca a classe política do DF esteve tão carente de talentos e de integrantes que despertem na comunidade algum sentimento ou apreço. Ao contrário, esse segmento desperta apenas incertezas e a sensação de medo ou ódio. A Brasília sexagenária deve sim comemorar com fogos, mas se preocupar, principalmente, com os artificios.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

E o resto joga com habilidade

Em abril do próximo ano, Portugal estará comemorando meio século da Revolução dos Cravos. Trata-se de uma data da maior significância para aquele pequeno mas laborioso país do outro lado do oceano. A partir daquela data terminava a longa ditadura de Salazar, que desde 1926 mantivera Portugal apartado do resto da Europa, como um velho e esquecido país, naquela esquina do continente, deixado à própria sorte desde o fim da segunda Grande Guerra.

Mais importante do que o fim de uma das últimas ditaduras ainda resistentes da Europa, a Revolução dos Cravos, abriu caminho para a inserção lenta e definitiva de Portugal ao resto do continente. Durante a longa noite em que o regime salazarista controlou o país, que parecia mergulhado numa espécie de sono ou transe profundo, alheio ao que se passava ao redor do mundo e mesmo indiferente ao destino do continente, que sempre o havia empurrado e espremido contra o mar.

Somente aqueles que lá viveram nesse período podiam sentir os tremores provocados por um vulcão que, a qualquer momento, ameaçava explodir com tudo. Havia, onde o pensamento trabalha, um surdo protesto que logo passou a ganhar fôlego entre artistas e os mais letrados. A música e poesia eram as artes que mais se engajavam num movimento que buscava sacudir a poeira antiga, acabando com as perseguições às oposições e a todos aqueles que discordavam do velho sistema.

Impossível mencionar aqui todo o mesmo parte do imenso e poderoso repertório artístico em música e poesia, produzidos naquele período e que inspiravam a todos a buscarem uma saída para o longo fechamento político de Portugal e sua exclusão do mundo moderno. A censura do Estado Novo não se envergonhava de confiscar obras, livros e quaisquer trabalhos artísticos que contivessem críticas ao governo. Também não se fazia titubeante na hora de prender e mesmo calar os artistas.

No fundo e mesmo inconscientemente o governo antevia, como um mau augúrio, que seria por obra e graça às ações de poetas e músicos, e não das armas, que viriam as forças capazes de apagar-lhe do poder. A força da palavra. Dentre os muitos artistas que combateram o bom combate contra a ditadura, merece destaque aqui, como representante dessa tropa lírica, a obra magnífica de Sophia de Mello Breyner Andersen. (1919-2004).

Como membro ativo da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, Sophia, nos anos 1940 escreveria o poema *Com fúria e raiva*: “Com fúria e raiva acuso o demagogo/ E o seu capitalismo das palavras/ [...] /Com fúria e raiva acuso o demagogo / Que se promove à sombra da palavra / E da palavra faz poder e jogo / E transforma as palavras em moeda/ Como se faz com o trigo e com a terra.” No poema *O Velho Abutre*, a poetisa diz sem meias palavras: “O velho abutre é sábio e alisa suas penas/ A podridão lhe agrada e seus discursos/ Têm o dom de tornar as almas mais pequena”.

Também no poema “Data” Sophia declara: “Tempo de covardia e tempo de ira/ Tempo de mascarada e de mentira/ Tempo que mata quem o denuncia/ Tempo de escravidão/ Tempo dos convites sem cadastro/ Tempo de silêncio e de mordaza/ Tempo onde o sangue não tem rastro,/ Tempo de ameaça”.

No poema *Pranto pelo dia de hoje* Sophia denunciava o sumiço de pessoas, das mortes que deixavam rastros: “Nunca choraremos bastante quando vemos / Que quem ousa lutar é destruído/ Por troças por insídias por venenos/ E por outras maneiras que sabemos/ Tão sábias tão subtis e tão peritas/ Que nem podem sequer ser bem descritas”.

Mesmo diante da torpeza daquela realidade e da dificuldade imensa em traduzir e conciliar a beleza lírica com os dias trevosos que assistia, a poetisa não se detinha. No poema *Nesta hora*, ela acusava: “Nesta hora limpa da verdade é preciso dizer a verdade toda/ Mesmo àquela hora que é impopular neste dia em que se invoca o povo/ Pois é preciso que o povo regresse de seu exílio/ E lhe seja proposta uma verdade inteira e não meia verdade/ Meia verdade é como habitar meio quarto/ Ganhar meio salário/ Como só ter dinheiro/ A metade da vida/ O demagogo diz da verdade a metade/ E o resto joga com habilidade/ Porque pensa que o povo só pensa metade/ Porque pensa que o povo não percebe nem sabe/ A verdade não é uma especialidade/ Para especializados clérigos letrados/ Não basta gritar povo é preciso expor”.

São poemas de uma força a denunciar um tempo de aflição, mas que serviam de alento para aqueles que lutavam por liberdade. A Revolução dos Cravos, em 1974, serviria ainda como um exemplo e uma lição a ser seguida, ajudando outros países a se libertarem do jugo ditatorial como a Espanha, em 1975, e o Brasil em 1985.

» A frase que foi pronunciada

“Os mais perigosos inimigos não são aqueles que te odiaram desde sempre. Quem mais debes temer são os que, durante um tempo, estiveram próximos e por ti se sentiram fascinados”

Mia Couto

Musical

» Já estão à venda, pelo Sympla, os ingressos para o musical *Os Miseráveis*, que será apresentado na Escola de Música em 24 e 25 de junho com sessões às 17h e 20h. A produção e direção artística é de Renata Dourado; preparador vocal, Gustavo Rocha; diretor de cena, Vittor Borges; assistente de produção, Érika Kallina, e regente, Rafael de Abreu Ribeiro. A apresentação é da Cia de Cantores Líricos de Brasília e Aquila Recor

» História de Brasília

Está, assim, funcionando, o pombal da praça dos Três Podêres, que consistia na grande inspiração de d. Eloá Quadros. (Publicada em 18/3/1962)